

Marília Andreä

A casa da esquina



A casa
da esquina

Marília Andreä

A casa da esquina



Rio de Janeiro
2021



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contido, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

A casa da esquina
Copyright © 2021, *Marília Andreä*

Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110
Centro – Rio de Janeiro – 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa:

Fabio Darci

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

PoD Editora

Diagramação:

PoD Editora

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

Catálogo Na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A573c

Andreä, Marília

A casa da esquina / Marília Andreä . - 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2021.
148 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5947-014-3

1. Andreä, Marília. 2. Crianças - Crimes contra - Biografia. 3. Adultos vítimas de crime sexual na infância - Biografia. Título.

21-70320

CDD: 362.7092

CDU: 929:364.633-053.2

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

08/04/2021

Dedicatória

Para meu esposo Axel Andreä e
para meus filhos, Thamara, Thiago e Elijah.

Em pé, com uma xícara de café fumegando nas mãos, daquele que se bebe e aquece tudo. Olhando para fora da janela, só avistava as árvores com seus galhos secos, sem vida, todas com seu tom marrom, e a grama sem graça. Olhando um pouco para cima, na esperança de ver o sol, mas ele estava com preguiça naquela manhã... ou dormia ainda, deixando tudo por conta das nuvens e, pior, elas pareciam estar de mau humor; estavam escuras, e com cara de que a qualquer momento iriam começar a chorar.

“Meu Deus!”, pensava Madalena. “Até quando? Este inverno parece não ter fim!” E, nesse instante, ela roubou o mau humor das nuvens e começou a chorar e a se questionar sobre o sentido da vida... Por que isso? Por que aquilo? Por que a felicidade era tão curta? Por que tantos sofrimentos e perdas? Por que, antes, nunca havia chorado diante das tragédias do mundo e já havia esquecido de como dar boas gargalhadas? Será a tal da depressão? “Será que estou doente? Será que é a velhice, ou a morte está a me rondar?”

Foi esse “por quê?” que a levou à procura de uma psicóloga. Fez uma busca rápida na internet; seria melhor encontrar alguém que falasse seu idioma, pensava. Foi fácil, porventura nesse dia, em letras grandes, leu que a psicóloga falava português e, melhor ainda, seu consultório se localizava no mesmo bairro de sua residência. Pegou imediatamente o telefone e ligou.

Ao telefonar, teve a confirmação de que a psicóloga falava português. “Perfeito!” — marcaram uma data mais próxima possível. Chegando no dia da consulta, nada muito confortável, a sala de espera pequena, sem luz, com leve cheiro lembrando a mofo. A recepcionista, beirando à casa dos sessenta anos, pouco amigável, pediu para que ela esperasse na sala ao lado.

A psicóloga chegou pedindo desculpa por estar atrasada,

convidando Madalena a se sentar. Olhando para o lado, avisou um divã igual ao dos filmes. “Será que ela irá dizer para eu me deitar?” Infelizmente, não mandou, não convidou nem perguntou se ela queria. Com um gesto, mostrou-lhe a poltrona e Madalena sentou-se, mesmo a contragosto.

Com seus olhos esbugalhados, a psicóloga pôs-se a olhá-la.

Aqueles cabelos grisalhos e compridos não eram nada chiques. Ela nada simpática, tão pouco bonita. Observava Madalena. Após alguns minutos, que já estavam parecendo uma eternidade, a psicóloga perguntou:

— O que posso fazer pela senhora?

Mal ela terminou a pergunta, Madalena desabou a falar. Tudo que ela queria era falar e falar.

— Calma! Calma! — dizia a psicóloga. — Não compreendo.

— A senhora prefere que falemos em alemão? Ou espanhol? Portunhol — respondeu Madalena. — Não falo espanhol, mas entendo tudo — completou.

— Certo. Então a senhora pode falar português. Eu não falo, mas entendo tudo — respondeu a mulher.

Madalena não estava entendendo mais nada. Em que língua iriam falar? Mesmo assim começaram a conversar. Falavam das três línguas um pouco e, se continuassem, logo inventariam uma outra, talvez a mistura do alemão com o português. Quem sabe? Na realidade, a psicóloga não falava quase nada; somente quando Madalena a pressionava com várias perguntas, quase a obrigando a dar-lhe respostas.

“Antipática! Será que todos são assim?”, pensava. A verdade é que Madalena não gostava nada da profissional, mas desabafar estava lhe fazendo bem..., mas deitar no divã, que seria bom, nada!

Certo dia, depois de tantas perguntas, a psicóloga deu-lhe

o diagnóstico. Uma depressão profunda. Logo ela, que falava mais que a boca, que adorava fazer amizades, ouvir música, escutar os pássaros, sonhar com amores que nunca existiram!

“Não! Isso é impossível! Com depressão deve estar a senhora!”, pensava, mas apenas pensava. Não tinha coragem de falar, mas, em seus pensamentos, sentia-se livre. Então, Madalena decidiu que a psicóloga é que estava a doente ali, e não ela.

O pior é que ela insistia em dizer a Madalena que ela tinha vergonha de sua história e que ela precisava contá-la para outras pessoas, que isso iria lhe ajudar. Vergonha? Eu? Esta palavra ela conhecia, mas foram poucas as vezes que a sentiu.

Então, em vez de lamentar, ela resolveu reviver e escrever, sabendo que a cada momento existe uma nova possibilidade para tudo, menos para a morte.

Eu me perguntei se deveria meus segredos aqui contar. Hesitei, não estaria eu desrespeitando a memória dos mortos, para minha memória descansar?

Marília Andreä

Vejo-me caminhando pelas ruas de meu bairro com os pés descalços e os cabelos despenteados. Desconhecidos poderiam dizer: “És uma louca!”. Os conhecidos diriam: “Isso faz parte de seu dia a dia”.

Meus irmãos e eu, em cima de um pequeno triciclo, descendo ladeira abaixo, nos despencando no final do trajeto. Mesmo com os pés, o corpo, tudo doido pelas quedas que levávamos, alegria maior não existia.

A monotonia fazia parte daquele lugar. A terra tinha um forte tom avermelhado. Não havia calçadas nem acostamentos, apenas pedras nos caminhos e alguns arbustos. De belo, ali, somente as orquídeas azuis que contornavam o caminho de ida e vinda da igreja — seu Martinho as vigiava para que ninguém as arrancasse — e as árvores do coreto da praça, onde éramos proibidos de brincar.

Nessa cidade, havia somente duas categorias de moradores: os “felizes”, que eram os ricos, e os “miseráveis, ou infelizes”, se assim preferirem dizer.

De cada residência pela qual eu ia passando, eu sabia o nome dos moradores, sabia como eles eram, sabia que deveria sempre dizer “bom dia” ou “boa tarde”, mesmo para aqueles que não nos suportavam.

Fundada em 1823, ainda na época dos índios e escravos, aquela cidade localizada bem no interior do Paraná — como diziam os antigos, “onde o gato perdeu as botas” — muito pequena e tinha menos de vinte e cinco mil habitantes.

Naquela época, foi quando uma adolescente de quinze anos me deixou nascer. Mas começarei esta história contando um pouco sobre meus vizinhos.

Antes de chegar ao coreto, costumava sondar as irmãs no convento e os filhos dos ricos com seus uniformes azuis e branco brincando no pátio. Ao fundo, conseguia ouvir alguma coi-

sa, como música de piano que a irmã Andreia ensinava. Ela ainda muito jovem, tão linda, alta, magra! Através de seu longo véu branco, suavemente podia ver a cor de seus cabelos lisos. Eu ficava a admirar. “Quando crescer, serei igualzinha”, pensava. Mas, como disse, só apreciava de longe, tentando equilibrar-me nas pontas dos pés, e sondava pelas frestas das janelas. Queria ver quem estava a tocar. Acabava sendo descoberta e ganhava uma “saia daí menina” de alguns dos seus alunos. Às vezes mostravam-me a língua.

Ao lado desse mesmo convento, ficava a casa de meu padrinho, senhor Agostinho, de quem eu gostava muito. Em seguida a residência de uma senhora simpática, com nome de santa. Parecia mesmo ser uma santa. Delicada como ninguém. Seus cabelos, brancos como a neve, brilhavam com a luz do sol quando estava sentada na varanda e sorrindo como sempre. O interessante é que, a partir dessa casa, não existiam mais pedras nem terra, e sim uma bela e limpa calçada. A área pouco mais chique e ali também se localizava a igreja da qual eu toda tardezinha ouvia as músicas do padre Zezinho tocar. Em seguida, uma praça grande com árvores que floresciaam quase o ano todo. Seus bancos de concreto com letras coloridas que eu ainda não sabia ler, mas, perguntando a minha tia, ela dizia serem propagandas dos comerciantes da região.

Esse caminho eu fazia até chegar a uma das residências mais importantes e, aos meus olhos, a casa mais linda da região... na casa de minha madrinha. Com o portão do jardim sempre aberto, eu caminhava até a porta da entrada com meu galão pequeno de plástico; colocava-o no chão; juntava as mãozinhas e batia até alguém vir abri-la. Normalmente, a empregada que vinha, dava um sorriso, pegava a vasilha, ia para cozinha e, minutos depois, voltava com ela cheia de leite fresco. Às vezes, quando merecia, ganhava algumas guloseimas. Mas, antes de eu ir embora, minha madrinha aparecia na porta, perguntava

como eu estava, dava-me alguns conselhos; ela já sabia do ritual, nos conhecia. Não sei a história de como ela aceitou ser madrinha de batismo de uma criança tão diferente de seu convívio, mas o mais importante é que ela aceitara; fui afortunada.

Então eu agradecia, dizendo “Deus que ajude!” Penso que, na realidade, juntava todas as palavras... “Deusquijade!” assim mesmo. Me despedia e ia embora. Ela sabia que eu voltaria na semana seguinte. Ou, se as coisas apertassem muito, voltaria antes.

Além dessas ocasiões, havia as datas comemorativas... meu aniversário, a Páscoa e o Natal. Eu sabia que um presente sempre me aguardava. Ela esperava meu pedido de bênção e eu esperava um pouco de felicidade.

O último presente que ganhei, ainda me lembro, foi em um Natal; um vestido azul da cor do céu em um dia iluminado de verão. Achei lindo. Com detalhes dourados que o deixavam mais lindo ainda. Depois, eu nunca mais a vi; minha madrinha mudou-se para o céu.

Retornando para casa, não perdia a chance de xeretar mais uma vez pela janela do convento. Pura curiosidade. Importante era chegar com o leite, sem o derramar pelo caminho.

Antes de entrar em casa, olhava para o outro lado da rua. Meus olhos estavam à procura de meu pai, pois lá havia um bar comercial. Sempre movimentado por pessoas que costumavam tomar umas cachaças logo pelas dez da manhã... como meu pai.

Nesse mesmo local, costumávamos fazer nossas compras para pagar posteriormente. “Fiado”, como dizíamos na época. Tínhamos um caderno de anotação que chamávamos de caderнета; tudo o que nós comprávamos, anotava-se nesse caderno. Não podíamos perder, e se perdêssemos, não ficávamos isentos de nossas dívidas, pois existia um segundo caderno como cópia. E a cada quinze dias, eram feitos os acertos. Ou só quando o dinheiro chegava..., ou seja, a cada trinta dias.

Os donos não pareciam nada com seus frequentadores e formavam um casal simpáticos e simples. Baixinhos e gordinhos, até pareciam irmãos. Combinavam bem. Conheciam todos os membros da minha família, a história, conheciam mãe desde que ela nascera.

Mesmo assim, se passássemos mais de trinta dias sem fazer o acerto, cortavam o fornecimento de alimentos, e então tínhamos que sair de casa em casa pedindo. As residências em que íamos eram sempre as mesmas. Já nos conheciam, sabiam de nossa história; nem precisávamos dizer nada. Pedíamos pão, restos de arroz, talvez um pouco de açúcar para fazer água doce, que substituía o café, ou para adoçar o chá de erva-cidreira, conhecido como capim-limão. Eu amava o sabor desse chá.

E quando, já cansados de bater em porta em porta e ganhar um “não tem nada hoje”, só nos restava a caminhada até a casa mais linda da região; de lá nunca saíamos de mãos vazias.

Éramos os únicos miseráveis da rua. Bem isso! A palavra exatamente esta: miseráveis. Por um momento, pensei em colocar o nome de “Os Miseráveis” neste livro, pois a pobreza fora tão grande que não conheço melhor denominação.

Paralela a nossa casa, do outro lado da rua, havia a casa de uma família rica; fazendeiros, acredito. Aliás, quase todos ali, naquela região e naquela época, tinham fazendas e eram ricos... ricos mesmo! Na realidade, a economia da cidade dependia da agropecuária. Os criadores de gado utilizavam o conhecimento tradicional local, repassado para outras gerações. Lógico que, com o passar dos anos, hoje essa cidade, com seu clima subtropical, virou uma microrregião, com grandes parques naturais e pequenas empresas.

Bem, como estava contando sobre esses vizinhos: além do casal, havia os filhos, que somavam três — um rapaz, do qual eu às vezes ganhava uns trocadinhos, limpando suas botas, e duas moças muito lindas. Nessa casa morava e trabalhava dia-

riamente uma senhora, e mamãe era chamada, no mínimo uma vez por semana, para ajudá-la na faxina mais pesada, ou para passar as roupas.

Certo dia, mamãe foi trabalhar naquela casa. À tarde, começou um temporal e choveu muito forte. Éramos pequenos. Escureceu tudo. Em casa no momento, eu sendo a mais velha, minhas tias não estavam. Eu acredito que tinha uns sete anos ou menos. Coloquei meus irmãos sentados sobre nosso colchão, que era todo cheio de palha de milho. Nós tirávamos as cascas, as palhas do milho, e as usávamos para enchê-lo. Quando alguém esquecia de tirar o sabugo, ficávamos com o corpo todo dolorido, mas conseguíamos dormir daquele jeito mesmo. Já com todos sobre o colchão, fui atrás de uma lamparina, porque estávamos todos com muito medo. Os barulhos dos trovões, das pedras de gelo que caíam sobre o telhado causara-nos medo. Não sei como uma faísca de fogo caiu sobre o colchão, mas o fato é que, em pouco tempo, a casa foi tomada pela fumaça. Daquele momento, só ouvia uma música que vinha da igreja... “Mãezinha do céu, eu não sei rezar...” Então comecei a sentir uma falta enorme de mamãe e comecei também a chorar. Tudo o que desejava naquele momento foi tê-la por perto. Logo ela apareceu. Com tamanha rapidez, jogou o colchão na chuva. Naquela noite, dormimos sobre algumas peças de roupa até o sol do dia seguinte chegar para secar o nosso único colchão.

Esses vizinhos para os quais mamãe trabalhava não se importavam muito conosco, eu pensava, mas não eram más pessoas e, por algum motivo, nós os respeitávamos muito.

Quando meus pais passavam dos limites nas brigas noturnas, por conta do barulho enorme que nós, crianças, fazíamos com nossos gritos e choradeira, pois eles quebravam tudo, então esse vizinho saía para a rua com sua arma na mão, ameaçava meu pai e reclamava que eles não conseguiam dormir. Só assim meu pai sossegava e tudo se tornava silêncio. Afinal, ninguém

queria morrer, ao menos não naquele momento. As brigas entre meu pai e mamãe eram sérias demais. Acabavam envolvendo toda a família. A princípio, eu não entendia por que brigavam, mas, com o tempo, fui descobrindo.

Outra vizinha que ficou inesquecível foi uma que não nos ajudou em praticamente nada. Era apenas mais uma, mas, graças a ela, tenho este nome de batismo de que tanto gosto. Essa vizinha tinha duas filhas. Lindas, e eram ricas, para variar. Aquelas duas adolescentes serviram de inspiração para minha avó. Aconteceu que, na ocasião que nasci, meus pais não haviam escolhido meu nome, assim como, certamente, não haviam me planejado, é claro. Já se passavam alguns dias desde meu nascimento e eles precisavam registrar-me; não dava mais para adiar.

A caminho do cartório, sem ideia do nome, meu pai perguntou a ela com que nome deveria registrar a criança. Sem ideia e sem tempo, pois ela estava de saída para o trabalho, e olhando para um lado e para o outro da rua, avistou as duas meninas saindo.

— Coloque Madalena.

Esse era o nome de uma das meninas e, assim, ficou porventura sendo o meu também. Quando minha última tia nasceu, teve o mesmo destino. Recebeu o nome da outra filha. Felicidade nossa, pois os nomes são simples e nunca saem de moda.

Uma outra de nossas vizinhas nos presenteava com os restos de comida e, quando a empregada queimava arroz ou o deixava cozinhar além do ponto, ela mandava a filha mais nova, ou a própria empregada, nos levar. Era uma delícia! Aquele era o arroz mais gostoso que eu havia comido até então. Às vezes, elas esperavam pela panela no portão, ou, sem tempo, pediam que a devolvêssemos mais tarde ou no dia seguinte. Sempre devolvíamos a panela, mas sem lavar, para não lavar o coração

da pessoa que fazia a doação. Eram palavras que conhecíamos: se lavássemos o objeto, lavaríamos o coração da pessoa e não receberíamos mais aqueles quitutes.

Agora, analisando a situação, percebo que nós não lavávamos porque não tínhamos água em casa e, quando tínhamos, era contada gota a gota. Mas a vizinha não se importava com isso, ela já conhecia a nossa velha ladainha.

Descendo a ladeira, a poucos metros de nossa casa, morava uma família que, com certeza, se existir paraíso, deve estar lá — ou em algum outro lugar agradável. A esposa e o marido eram nossos fornecedores de água. Como citei antes, em nossa casa não havia água nem energia elétrica; só havia teto e chão.

Toda tardezinha, lá íamos nós, com baldes na cabeça e alguns galões. Chegávamos em frente ao portão, gritávamos por dona Ana. Em poucos minutos, ela colocava a cabeça para fora e, antes mesmo de perguntar se podíamos pegar água, ela respondia:

— Entrem, mas não se esqueçam de fechar o portão, senão o Caio sai para fora.

Entrávamos e lá vinha ele, um cãozinho pequeno. Seus pelos eram brancos quando tomava banho, mas, normalmente, eram bege por causa da terra vermelha. Caminhávamos alguns metros até onde dois tanques bem limpos nos esperavam. Nós enchíamos nossos baldes e nossos galões e novamente passávamos pela porta da cozinha. Dona Ana sempre estava lá a cozinhar. Nós nos despedíamos e agradecíamos daquela forma simples de criança que ainda não sabe falar corretamente: “Deusquiajude”. Ela nos respondia: “Amém”, mesmo sabendo que minutos após estaríamos fazendo tudo novamente, gritando seu nome no portão, perguntando se podíamos pegar água, lutando com o Caio e nos despedindo. Essa rotina se repetiu por vários anos. O Caio deve ter morrido bem antes da instalação de água em nossa casa.

Alguns anos mais tarde, ganhamos vizinhos novos. Eles foram morar em uma casa da esquina perto de dona Ana. Daquela casa, eu só tenho a lembrança de uma senhora com dois meninos. Até pareciam os sobrinhos do Tio Patinhas. Um se chamava Luizinho e, o outro, Zezinho. Eu e meus irmãos os adorávamos. Eles eram nossos parceiros para jogar bolinha de gude e para outras brincadeiras. Além disso, eles dividiam seus lanches deliciosos conosco! Por causa desses meninos, a filha de outra vizinha aproximou-se de nós; não gostávamos dela e nem ela de nós. Achávamos ela uma menina chata, toda arrumadinha, e nós não podíamos nem mesmo tocar nela para não a sujar. Era uma situação extremamente desagradável. A verdade é que ela gostava de um dos meninos, do mesmo que eu achava bonitinho. Ainda bem que éramos crianças e inocentes; eu nem percebia a concorrência.

O Luizinho e o Zezinho eram nossos parceiros até na hora que tínhamos que trabalhar, como buscar água, — aí eles nos ajudavam. Como eles eram muito maus no jogo de bolinha de gude, eu ganhava deles. Nossa parceria chegou ao fim quando, certo dia, acabamos batendo na menina chata e puxamos o cabelo dela. O motivo da briga? Provavelmente ela nos chamou de fedorentos ou algo assim. Só sei que a mãe dela foi reclamar com a mãe do Luizinho e do Zezinho, aconselhando-a não deixar os meninos brincarem mais conosco. “São crianças mal-educadas”, a mãe dela dizia. Assim, eles acabaram se afastando de nós. Dias após eu vi os meninos brincando na casa da chata. Nem dei importância, mas tive vontade de puxar seus cabelos novamente. Ficamos tristes, porém em pouco tempo, os meninos tiveram que se mudar para outra cidade. Aí a menina chata se reaproximou de nós. Reparei e era fato, somente nós suportávamos tanta chatice. Ela não tinha outros amigos, porém, mesmo assim, achava que podia desdenhar de nós. Acabava apanhando e ia para casa chorando, e assim foi essa amizade que nunca entendi.



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2021